

O diário da tarde de maior circulação em Portugal
Fundado por ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

República

Director: CARVALHÃO DUARTE
Director-Adjunto: ALFREDO GUIASADO

SÁBADO, 1 DE MARÇO DE 1969

NA VIGÍLIA DO MEDO

DEZENAS DE FAMÍLIAS PASSARAM OUTRA NOITE FORA DE CASA NA EXPECTATIVA DE NOVO SISMO

O terror de novos abalos vivia ainda na intranquilidade das gentes. O pesadelo de um despertar dramático pesava nos sentidos e difícil seria conciliar o sono. De resto, o boato espalhara-se como um rastilho: o abalo sísmico repetir-se-ia, os lares e as pessoas voltariam a ser presas fáceis da nova fúria sísmológica. A ciência não tem ainda meios para confirmar ou desmentir quando e em que momento se dão os abalos telúricos e se estes voltarão a repetir-se. A memória das gentes não consente que o sossego se instale na aceitação dos gestos quotidianos. Aquele ruído surdo de vômito da terra, sinistro, tenebroso, pesa e agarra no raciocínio de um qualquer. O lisboeta não fugiu à regra do que aconteceu um pouco por toda a parte. Desde o Parque Eduardo VII aos terrenos em volta do aeroporto, aos caminhos de Monsanto e até na própria marginal alguns milhares de famílias ficaram de vigília, ao relento, abrigando-se em automóveis ou furgonetas ou dormindo no chão, envoltas em mantas. Quem poderia dormir? Felizmente tudo passou. O pesadelo passou, mas o susto, esse, ficou bem colado ao sentido de todos.

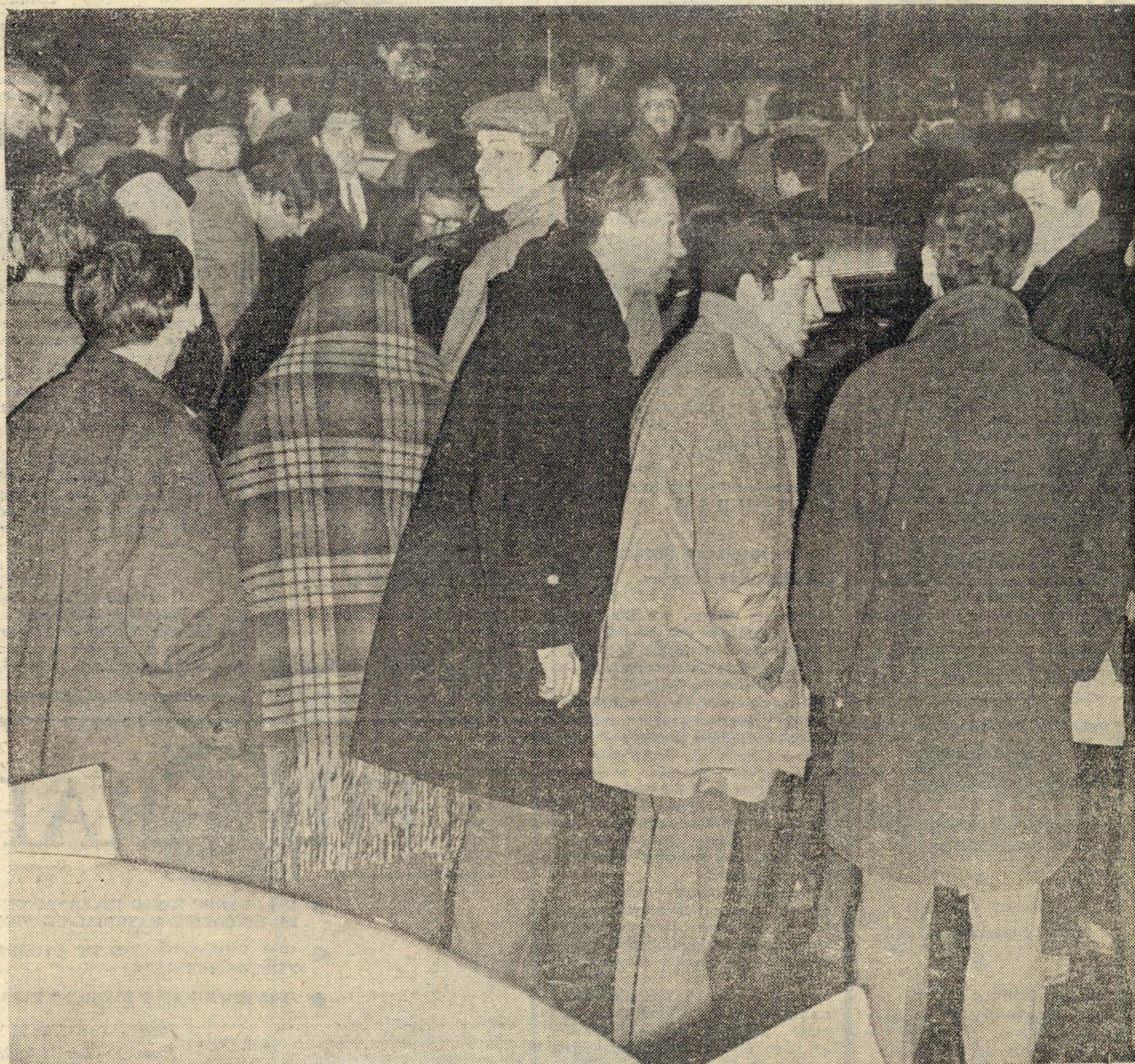
Entretanto, durante a tarde de ontem soube-se que a Estação Sismográfica de Lisboa voltara a registar, às 11 horas e 32,6 segundos um novo sismo, embora de fraca intensidade, e este facto mais reinvin-

dicou nas pessoas a sensação de um perigo que se escondia debaixo do terreno que pisavam.

Do que foram as cenas patéticas, dramáticas, do que foi

o torpor e pavor que se apoderou das pessoas já toda a imprensa relatou, ficaram talvez por relatar — ficam sempre por relatar — aquelas sempre

(Continua nas páginas centrais)



FOI LONGA A VIGILIA DO LISBOETA NA NOITE DE ONTEM

VISADO PELA CENSURA

SÍRIA

MILITARES E CIVIS DISPUTAM O PODER

BEIRUTE, 1 — Segundo viajantes de Damasco chegados hoje a Beirute continua a travar-se hoje na Síria nova luta pelo poder entre a facção militar e civil do partido Baath.

O exército substituiu as forças de segurança civil que guardavam os edifícios estratégicos na capital síria enquanto que a longa disputa entre os dois grupos partidários se transformava em conflito aberto.

A luta trava-se entre o ministro da Defesa e comandante da força aérea tenente-general Hafez Al Assad, apoiado pelo chefe do estado maior do exército major general Mustafa Tlas por um lado e a direcção nacional síria do partido Baath do outro lado.

O Banco Central, no coração do bairro comercial de Damasco, foi dos primeiros edifícios-chave a serem ocupados pelo exército. Não foi dada explicação para essa atitude mas os viajantes julgam que terá por fim colocar o tesouro sob a protecção do exército.

Soube-se também que por ordem do general Tlas o exército tomou calmamente o comando de vários outros edifícios importantes em Damasco que ficaram sob a sua protecção incluindo as emisoras de rádio e televisão onde a polícia foi substituída.

O ajuste de contas entre as facções militar e civil do partido começou na quarta-feira passada. No entanto, notícias chegadas a Beirute informam que a agitação já tinha começado dias antes devido a sérias divergências entre membros da direcção local do partido no governo de Latakia, no norte da Síria. Nesse território formaram-se as facções do general Assad e da direcção do partido que ordenou a suspensão dos partidários de Assad entre os dirigentes de Latakia. — R.

O ASSASSÍNIO

DE BOB KENNEDY

Surpreendente diálogo entre Shiran e o Juiz

(LER NA ÚLTIMA PAGINA)

O ABALO SÍSMICO SENTIDO EM TODO O PAÍS FOI UM DOS MAIS FORTES ATÉ HOJE REGISTADO NO MUNDO

Informa o Observatório de Toledo que o sismo que ontem se fez sentir no nosso País afectou mais quatro países: Espanha, França, Marrocos e Estados Unidos.

O director do Observatório de Toledo, Gonzalo Payo declarou: «Este sismo foi o mais forte verificado na região, desde há cinquenta anos, e um dos mais fortes até hoje registados no Mundo. Se o epicentro se tivesse localizado numa região habitada, as vítimas e os estragos seriam dos maiores de toda a história».

Acrescentou: «Foi de uma intensidade ligeiramente inferior aos que abalaram o Chile, de 21 a 30 de Maio de 1960, e o Alasca, em 27 de Março de 1964, mas mais forte do que o verificado, há dois anos, na Venezuela».

O cientista situou o epicentro à latitude de 36,4 graus Norte e 10,5 de longitude Oeste de Greenwich, o que dá um ponto cerca de 160 quilómetros a Sudoeste do cabo de São Vicente, no Algarve.

O que salvou a situação foi o facto de o hipocentro, ponto da crosta terrestre, onde o abalo teve origem, se have localizado a uma profundidade invulgar. «Estamos convencidos de que o hipocentro foi muito mais profundo do que os 30 quilómetros habituais». Os sismólogos madrilenos fizeram declarações idênticas.

Pânico em várias cidades espanholas

Em Madrid o abalo sísmico foi sentido com grande intensidade. Grande parte da população madrilenha veio para a rua e as comunicações telefónicas, tal como aconteceu em Lisboa, registaram o maior movimento da sua história. O sismo foi particularmente sentido nos arranha-céus onde a oscilação se sentiu mais violentamente. Em Valladolid e Gijón toda a população passou a noite ao ar livre e registaram-se prejuízos materiais em toda a zona das Astúrias.

Em Sevilha houve desastres pessoais. Morreu um homem vítima do por um colapso cardíaco e cinco pessoas sofreram ferimentos ligeiros, resultantes de desabamentos. Em Huelva e na ilha Cristina houve desabamentos e a população fugiu para a rua. Chegaram de toda a Espanha notícias idênticas às referidas.

Em Marrocos morreram duas pessoas e ficaram feridas quatro

As populações de Rabat, Casablanca, Tetuão, Safi, Marraxue, Fez e Mecknes viveu horas de pânico incrível; a maioria das pessoas, não obstante os apelos lançados nesse sentido, recusou-se a regressar a suas casas, passando a noite ao relento. Registam-se igualmente grandes inundações em todo o país.

O êxodo para os campos é enorme pois toda a população tem ainda bem presente na memória a tragédia de Agadir a qual causou 12 000 mortos. A defesa civil e o exército marroquino encontram-se de prevenção para uma possível assistência à população civil.

Noutros pontos do País

Em Colares caíram vários muros de quintas. Na Adegua Cooperativa ficaram partidas várias centenas de garrafas.

Em Alverca a violência do sismo fez com que caíssem todos os lustres da igreja matriz.

Na Nazaré há uma vítima a assinalar, uma mulher que, tomada de pânico se lançou, da janela à rua. Cairam algumas chaminés e as paredes abriram fendas.

Também de Cantanhede, Sobral da Adiça, Viana do Castelo, Elvas, Tomar, Moimenta da Beira, nos chegamos notícias dando conta do susto das populações mas não assinalando desastres de monta para além de algumas fendas nas paredes.

Também em Vila Real de St.º António não há desastres pessoais a registar e os desastres materiais são de pouca monta.

a platibanda e a pedra trabalhada, onde estava suspenso um sino, da Escola Conde Ferreira. Vários edifícios abriram fendas.

Em Tavira abateu o tecto da abóbada de uma capela da igreja de S. Francisco.

Em Silves, ruíram as platibandas de alguns edifícios, danificando na queda alguns automóveis que se encontravam estacionados.

NA VIGÍLIA DO MEDO

(Continuação da 1.ª página)

pequenas-grandes cenas que o drama do momento motivou, unindo em lágrimas pais e filhos, esposos e familiares. Foram cenas indescritíveis que, no seu dramatismo, tiveram a beleza da ternura, do amor, da dedicação.

Os prejuízos causados pelo sismo foram grandes, não só em empresas particulares, em lares, como no património artístico nacional. Uma súmula dos acontecimentos dá-nos já seis pessoas mortas, quase todas vitimadas pela emoção e centenas de feridos por desabamentos.

Ontem à noite os Sapadores Bombeiros ainda corriam a cidade para escorar uma empena aqui, para demolir uma chaminé ali. E os trabalhos continuam, pois muito ainda há para acudir. Na Rua das Barrocas, várias famílias, algumas numerosas, cujas habitações podem ruir de um momento para o outro, esperam que as socorram.

Centenas de famílias de Almada, Cova da Piedade e de outras localidades ali perto abandonaram ontem à noite os seus lares e foram passar

Sim, o sismo deixou sinais profundos no comportamento psíquico das pessoas. E como o não poderia deixar?

«Os sismos são cada vez mais fracos, o que corresponde à estabilização do fenómeno dentro da evolução normal» — disse um comunicado do Serviço Meteorológico Nacional. Assim seja!

OS SISMOS DOS ÚLTIMOS SETE ANOS

O abalo da madrugada de ontem é o sexto verificado nos últimos 7 anos. Os restantes sentiram-se nas seguintes datas: o de 26-12-62 teve início às 8 horas e 58 minutos, na estação sismográfica de Lisboa. A intensidade foi do grau V da escala internacional (abalo forte) e houve pânico geral sem consequências graves. O de 26-7-63 foi registado às 5 horas e 22 minutos e a intensidade foi do grau VI da escala internacional (abalo forte). Foi neste dia

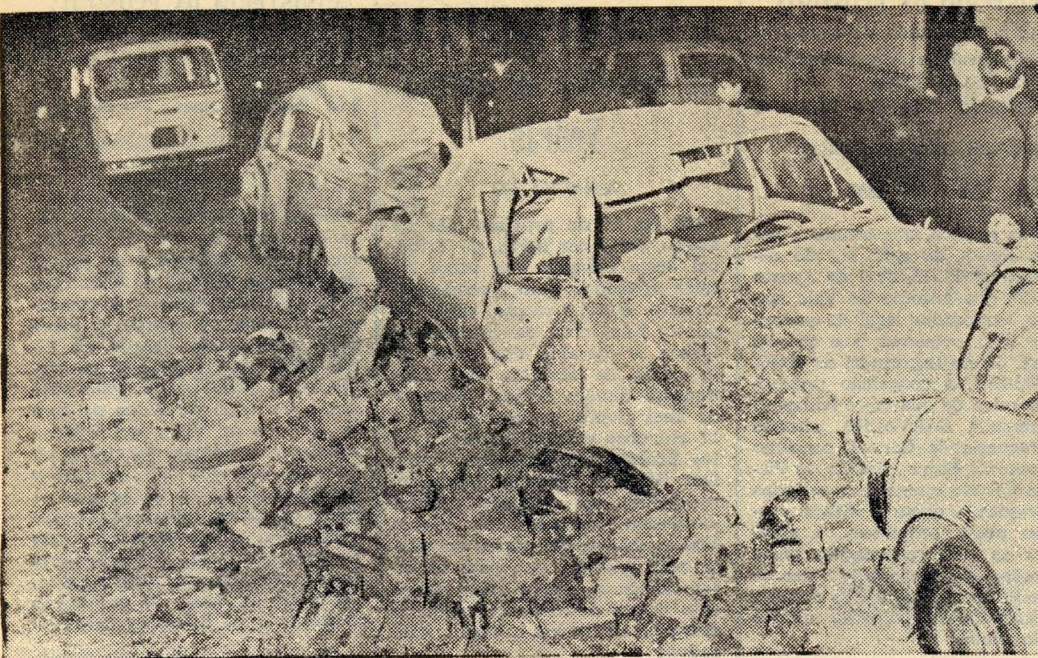
que a cidade de Skoplje, capital da Macedónia, foi devastada pelo maior terramoto de que houve memória na Jugoslávia.

O de 15-3-64 atingiu o grau 4 da escala internacional. A região mais atingida foi o Algarve principalmente a cidade de Tavira.

O de 4-4-66 foi sentido, em Lisboa, às 16,58 h, com a intensidade de II-III (abalo fraco).

O de 26-8-66 foi localizado no mar, a 110 quilómetros de Lisboa, todo o território metropolitano foi sobressaltado, às 6,56 horas, por um sismo da intensidade III-IV da escala internacional.

E o de 24-2-67 de fraca intensidade, fez-se sentir em Lisboa às 23,15 horas, não se chegando a verificar qualquer pânico entre a população, parte da qual nem deu pelo abalo.



O SISMO SACUDIU TODA A PROVÍNCIA CAUSANDO NUMEROSOS PREJUÍZOS

O tremor de terra fez-se sentir com maior ou menor intensidade em todo o País, causando bastantes prejuízos materiais, mas felizmente poucas vítimas.

Dentro dos prejuízos materiais mais avultados e com consequências mais graves conta-se a destruição, total da fábrica de cerâmica de Pinhal Novo, provocando prejuízos no valor de 2500 contos, e deixando sem emprego os 32 operários ali empregados. Ainda nesta localidade sofreram danos o edifício dos C. T. T., que abriu uma fenda, e a sede do Grupo Desportivo Pinhalense. Em Évora não há casos graves a considerar embora alguns edifícios tenham aberto fendas. No hospital desta cidade deu entrada um indivíduo em estado grave, que, em Grândola se atirou da janela para a rua.

Danificado o Mosteiro da Batalha

O mosteiro da Batalha, foi seriamente danificado, sendo os estragos avaliados por os peritos em cerca de 500 contos.

A grelhagem do alçado, que encima a porta principal, também ruíu, partindo-se uma grande parte e deslocando-se de tal modo, que oferece muito perigo, pois se vem uma lufada de vento, atira tudo abaixo. A entrada já foi vedada, mas os curiosos são muitos e há que tomar providências imediatas. Há pilares com o peso de toneladas deslocados. O pára-raios encontra-se dobrado e torcido, a demonstrar toda a violência do sismo. Há ainda fendas abertas nas calceiras, por onde agora as águas se podem infiltrar, provocando então estragos ainda maiores naquele histórico monumento. Todos os pináculos em pontas de florões caíram. Quer dizer, o aspecto do majestoso convento não se alterou, mas, visto em pormenor, são muitos rendilhados que se perderam, de difícil composição. Em todas as aldeias limítrofes do concelho há estragos a deplorar sabendo-se que, em Reguengo do Fetal, o frontal de uma casa caiu, deixando-a inabitável. Felizmente também, foi cair dentro de uma camioneta ali

estacionada. Igualmente, ruíu a grande cruz da igreja local e muitos muros de vedação das propriedades.

No Algarve muitas casas atingidas

Na vila de Castro Marim, a parte do hospital destinada à Maternidade ruíu completamente. Todos os apetrechos de enfermagem foram transferidos para um armazém.

A parte baixa de alguns prédios ameaça ruir, prevendo-se a rápida mudança dos inquilinos.

Também na Povoação de Cacela desmoronaram-se várias casas, tendo a igreja, reconstruída após o terramoto de 1755, sofrido consideráveis prejuízos.

Em Faro, além da igreja paroquial de São Pedro, de cuja frontaria caiu uma das pirâmides ornamentais, e de um prédio, na Rua Miguel Bombarda, onde ruíu a respectiva platibanda, numa extensão aproximada de 15 metros, houve prejuízos importantes numa fábrica de gelo da Travessa da Madalena, pertencente a Joaquim Custódio; num prédio do Largo D. Marcelino Franco, pertencente a Matos Pereira, ausente em Angola, e que terá talvez de ser evacuado; num edifício em que estão instalados a delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e o Tribunal do Trabalho, onde ruíram os tectos de vários compartimentos, e em várias casas da Avenida da República e das ruas Ferreira Neto, Contelino Bivar e Ivens, que abriram perigosas fendas e em que ruíram platibandas, cunhais e partes dos telhados. Também a enorme pedra que serve de fecho ao obelisco inaugurado em 1910, em honra do comendador Ferreira de Almeida, sofreu forte deslocação, e há muitas chaminés que carecem de ser apeadas, pois encontram-se em situação muito perigosa.

Há apenas um ferido grave a considerar, conforme ontem noticiámos. Trata-se do empregado bancário António José da Silva Gomes que, tomado de pânico se lançou da janela à rua. No hospital deu também entrada Paulo Alexandre Rosa de Deus, de três anos de idade, filho de Vítor Manuel Rosa de Deus e de Maria Cabrita de Deus, de Boliqueime. Este menino sofreu ferimentos ligeiros por lhe terem caído sobre o berço calça e algumas pedras.

Em Lagos ruíu uma casa, e caiu

PENHORES
PRACEIA DOM PEDRO
Cruzamento - Andorinha - ALMADA

O TERRAMOTO DE 1755

QUE DESTRUIU GRANDE PARTE DE LISBOA E AFECTOU GRANDEMENTE OUTROS PONTOS DO PAÍS SENDO CONSIDERADO O MAIOR DE QUE HAVIA MEMÓRIA

Embora as causas dos terramotos sejam ainda controversas, parece não haver dúvidas de certas zonas do globo serem particularmente sujeitas a abalos sísmicos. Lisboa é uma delas e raras cidades terão sido tão repetidamente flageladas por tremores de terra. Alguns ficaram memoráveis pelos estragos causados e o pânico sofrido pela população. Dos de mais terríveis consequências foram os de 24 de Agosto de 1356, o qual, com pequenos intervalos, teria durado um quarto de hora, e causou a ruína de muitos edifícios, sendo seguidos de pequenos abalos, que se teriam prolongado por cerca de um ano; os do mês de Janeiro de 1531, a 1 ou 7 e 26, que fizeram ruir mais de mil e quinhentos edifícios, causaram numerosas vítimas e obrigaram a fugir da cidade grande parte dos seus moradores; o de 28 de Julho de 1597, que determinou a ruptura do terreno do Monte de Sta. Catarina, formando-se uma larga fenda, que é hoje a rua da Bica de Duarte Belo e destruiu muitas moradias, pois desapareceram cerca de três ruas com 110 prédios, embora se creia que isso foi devido a um simples deslocamento do terreno, por não ter havido terramoto no resto da cidade; e o do 1.º de Novembro de 1755.

Esse último foi considerado o maior de quantos havia memória. Não só atingiu profundamente Lisboa e grande parte de Portugal, sobretudo Setúbal, Santarém

e o Algarve, mas o Norte de África. Os efeitos do maremoto que o acompanhou foram sentidos em todo o Atlântico e até no mar do Norte. O sismo afectou pontos tão distantes como Hamburgo e a Trindade e há notícias de ter sido observado na Suécia e na América. Fosse o seu epicentro Lisboa ou muito cerca da costa de Portugal, o certo é ter sido sobremodo flagelada a capital do país, designadamente a sua parte baixa num semi-círculo da Rocha do Conde de Obidos ao Poço do Bispo, sendo, porém a parte mais atingida outro semi-círculo inscrito neste, de Santos a Sta. Apolónia, não ultrapassando o raio deste último o Campo dos Mártires da Pátria. Em linguagem sismológica, diz-se que a intensidade do abalo atingiu no semi-círculo menor o grau X da Escala de Mercalli e, no outro, o grau IX. O incêndio que se seguiu ao terramoto, alastrou por quase toda a área do semi-círculo menor, formando o seu limite um arabesco caprichoso, que foi da igreja de S. Paulo até à actual Misericórdia, desceu ao Palácio dos Estados, no Rossio, passando pelo Poço do Borratém até a Madalena, voltando a subir até o Castelo de S. Jorge, para descer depois quase em linha recta ao Chafariz d'El-Rei. Esse incêndio consumiu tudo que e terramoto poupou para nessa zona em vidas e haveres, arruinando até edifícios que tinham resistido ao abalo anterior, como o da igreja Patriarcal.

Como a «Gazeta de Lisboa» noticiou a catástrofe

Deu-se o terramoto num sábado dia de Todos os Santos, de manhã. Seriam 9 horas e 40 minutos quando foi sentido o primeiro abalo, precedido dum grande ruído. Teria durado minuto e meio e muitas pessoas não deram por ele. Passado um minuto, um abalo mais forte, que teria durado dois minutos, fez ruir as casas. Outro minuto depois, novo abalo, que teria durado três minutos, acabou de atirar a terra torres de igrejas e edifícios que tinham ficado abalados pelo anterior. Esta é a versão de testemunhas coevas, embora, dado o pânico que se apoderou de todos, não seja de crer que alguém estivesse de relógio em punho a contar os minutos. O certo é que às 10 horas menos 10 minutos, o mais forte do fenómeno sísmico tinha passado, embora os abalos se repetissem durante os dias e meses seguintes por espaço de mais de um ano mas sem grande intensidade.

A hora em que se deu o terramoto, grande parte da população estava nas igrejas, assistindo aos officios religiosos por ser dia santificado. Como esses edificios foram dos mais atingidos, muitos pareceram nas derrocadas. Os que pretendiam fugir chocaram-se com a onda dos que queriam acolher-se nos templos e houve atropellos que fizeram vítimas. Alguns correram para a beira do rio na ânsia de assaltarem barcos para fugir. O maremoto, alteando as águas do estuário e fazendo-as descer depois, bruscamente, arastou muitos dos que se apinha-

vam nos cais e fez naufragar muitas embarcações. Outros procuravam fugir para os pontos altos da cidade especialmente para o sítio da Cotovia por onde hoje passam as ruas de D. Pedro V e da Escola Politécnica, sítio então ocupado por quintas e moinhos.

Nuvens de poeira da calçada dos prédios desmoronados, e pretendia-se também que vapores emanados de algumas fendas abertas no solo, escureceram o ar e impediam os fugitivos de ver o caminho na sua frente. Os gritos da multidão desvairada, os apelos de «Misericórdia» e as preces em altas vozes, aumentavam o pânico. Os lumes das igrejas e fogos de algumas casas, onde se preparavam os repastos festivos do Dia do Pão por Deus, em breve determinaram incêndios que um vento do nordeste ateou. Isso aumentou mais o alarme. Malfeitores, alguns dos quais fugidos das prisões em derrocada, parece que na ânsia de fazer boa presa nas casas abandonadas, incitavam os moradores a fugir. O medo, porém, bastava para isso. O momento foi de alucinação, a ponto de se ver pais abandonarem filhos pequenos e pessoas válidas deixarem nos escombros parentes enfermos ou feridos, movidos pela ânsia de se escaparem num desesperado «salve-se quem puder».

Todo o horror desse dia trágico e dos que se lhe seguiram não teve um jornalista que o fixasse numa reportagem, que seria memorável. Há alguns relatos anóni-

mos, mais ou menos fantasiosos, e outros de religiosos que traçavam a crónica dos feitos que interessavam às suas ordens, como

o do oratoriano, padre Manuel Portal, que nos deram alguns pormenores. A «Gazeta de Lisboa, jornal semi-official da época, limi-

OS MAIORES ESTRAGOS CAUSADOS PELO TERRAMOTO E O INCÊNDIO

Não seria possível computar, em 6 de Novembro, os estragos causados pela catástrofe. Poderia, porém, o noticiário da «Gazeta» fazer como os autores das memórias anónimas: dar um cálculo aproximado. Estes variaram muito, quanto ao número de mortos.

Chegou a dizer-se que metade da população da capital perecera. Depois o número de vítimas foi reduzido a um terço, a um décimo da população e ainda a menos. Esta era de cerca de 250.000 almas. Talvez só uma vigésima parte tivesse realmente morrido sob os escombros, no incêndio ou em consequência disso. O ministro Carvalho e Melo, na comunicação feita aos governos ultramarinos informou ser de seis a oito mil o número de mortes. Moreira de Mendonça, que fez um estudo profundo da catástrofe de que fora testemunha presencial, calculou em cinco mil os que morreram imediatamente e em outros tantos os que teriam perecido, em consequência dos ferimentos recebidos. Dez a doze mil teriam sido as vítimas. No inquérito, feito, mais tarde, pelos párocos da capital, não foi possível apurar ao certo o número de mortos, pois muitos dados como tais ou por desaparecidos tinham fugido para afastados pontos do país. O número de prédios atingidos, esse soube-se ao certo. Andou por mais de dez mil. Ora, pouco mais de trinta e cinco mil eram os fogos da capital. Assim, cerca de um terço ruíram.

Entre os principais edificios atingidos, contam-se o palácio real, ou Paço da Ribeira, sobranceiro ao Tejo e ao Ferreiro do Paço, ruído a cúpula do torreão que ficava mais ou menos no local do actual ministério da Guerra, e a Ópera, contigua ao Paço, a qual foi destruída pelo incêndio; a Patriarcal, sita ao norte do actual palácio da Municipalidade, devorada pelo incêndio, embora não tivesse sofrido muito com o terramoto; o palácio dos Estados, onde funcionava a Inquisição; a Câmara de Lisboa, que lhe ficava ao lado; os edificios da Mesa da Consciência e Ordens, Conselhos da Fazenda e Ultramarino, Relação, Alfândega, armazens da Tenência e da Ribeira das Naus; desaparecendo com eles todos os arquivos, documentos e mercadorias armazenadas; os palácios dos duques de Bragança e de Lafões, dos marqueses de Angeja, Valença, Marialva, Fronteira, Távora, Lourical, dos condes de Santiago, de Coculim, de Vila Flor, de S. Lourenço, de Valadares, de Vimeiro, de Atouguia; as igrejas basilica de Santa Maria Maior, actual Sé, de Santa Justa, da Madalena, de S. Julião, de S. Nicolau, de S. Bartolomeu, do Santíssimo, da Conceição Nova, da En-

carnação, dos Mártires, de S. Paulo, de S. João da Praça, de S. Jorge, do Loreto, de S. Domingos, do Carmo, da Trindade, do Espírito Santo, da Boa Hora, de S. Francisco, do Corpo Santo, de Corpus Christi, as oito últimas com os respectivos conventos; os conventos de freiras e respectivas igrejas, da Encarnação, das comendadeiras de Santiago, de Chelas, de Marvila da Madre de Deus, de Santa Apolónia, de Santa Clara, de Santa Mónica, do Salvador, da Rosa, da Anunciada, de Santa Ana, de Santa Marta, das Trinas, do Rato e de Mocambo, da Esperança, das Inglesinhas, do Sacramento a Alcântara, do Calvário, das Francesinhas, das Albertas e do Bom Sucesso este numa área já muito afastada do centro.

O valor dos bens perdidos não é fácil de calcular. A despeito de a «Gazeta» noticiar que tinham sido poupados os haveres do erário, uma notícia anónima existente num manuscrito da Biblioteca Nacional diz: «As perdas do terramoto de 1755 avaliam-se do modo seguinte: — O Palácio Real, Patriarcal, Alfândega, Sete Casas e Teatro (quanto a edificios) em cem milhões de Reales, doze mil casas particulares, catorze milhões de pesos. A perda de móveis

tou-se a dar do acontecido esta notícia, no seu número de 6 de Novembro: «O dia primeiro do corrente ficará memorável a todos os séculos pelos terramotos e incêndios que arruinaram uma grande parte desta cidade mas tem havido a felicidade de se acharem nas ruínas os cofres da Fazenda Real e da maior parte dos particulares». Embora os noticiários daquele tempo não primassem pela abundância de pormenores, pretende-se que o excessivo laconismo da notícia foi determinado pelo que ia passar a ser todo poderoso ditador, o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo. O zelo pelo real erário e os cofres dos particulares, sem alusão às vidas perdidas e às obras de arte destruídas, denuncia, realmente, a dureza do famigerado estadista.

ricos foi imensa porque desde o reinado de Pedro segundo era grande o luxo nesta parte em pinturas e tapeçarias. A perda do Erário e dos particulares em dinheiro cem milhões de Reales. A perda de jóias, pedrarias, prata lavrada da Coroa, particulares e igrejas não se pode calcular, porque nesta parte Lisboa era a cidade mais rica da Europa. Os estrangeiros perderam quarenta milhões de pesos fortes». Fiquemos nestes dados sumários, sem saber ao certo a que corresponderiam boje aqueles pesos e aqueles reales, que deveriam ser, contudo, pesadas somas. Valores reais, perderam-se os das livrarias dos conventos de S. Domingos, e do Carmo, da Congregação do Oratório, chamada Mariana, do rei, do duque de Aveiro, do marquês de Fontes, dos condes da Ericeira e de Vimioso, a deste célebre pelos seus manuscritos, do dr. João Alvares da Costa, de Filipe de Abranches e outros menores. Salvou-se o arquivo da Torre do Tombo, que estava no Castelo, graças ao zelo do brigadeiro Manuel da Maia, o qual, depois de o ter guardado na parte do Castelo não atingida, o fez transportar para os baixos do mosteiro de S. Bento, onde se encontra actualmente

As providências oficiais e o zelo de alguns particulares

O pânico fora geral e aqueles mesmos que tinham por função manter a ordem foram presas dele. O rei D. José, a sua família e os nobres de serviço no Paço encontravam-se na Quinta de Belém, que não sofreu com o terramoto. No entanto, o monarca e a corte transportaram-se, depois para o Alto da Ajuda, onde passaram a viver em luxuosas barracas. Mal se deu a catástrofe, alguns fidalgos dirigiram-se a Belém. Dos ministros, Pedro de Mendonça fugira e Pedro da Mota, doente, não exercia nenhuma autoridade. Foi Sebastião José de Carvalho e Melo o primeiro a ir juntar-se ao rei e a obter dele poderes para as providências a adoptar. Quando o rei, aterrado, perguntava aos seus súbditos que se havia de fazer, um deles adiantou-se dizendo: «Cuidar dos vivos e sepultar os mortos». Uma tradição lisonjeira atribui essa frase ao ministro Carvalho e Melo. Proferiu-a, porém, o marquês de

Alorna. O ministro, despeitado, tê-la-ia apenas completado: «e fechar os portos» embora este último conselho não tenha grande significado.

(CONTINUA)

DI
VUL
GA
ÇÃO